

Falta-me ainda um verso

Félix A. Ribeiro



Estou certo de que a nenhum dos presentes, terá ocorrido à mente que, esta cerimónia tão bem preparada, e organizada, o tenha sido a pedido!... de ninguém e, muito menos por mim! Quem sou eu, para merecer tamanha distinção, que só a benevolência da Alma Mater Bracarense, através do seu Conselho Cultural, teve a ideia e a lembrança de me conferirem!... Mero acto de generosidade que, comovidamente, agradeço.

Longe de mim, com toda a verdade, qualquer pensamento de poder atrair alguma vez sobre o que sou, fui ou fiz, outras recompensas que não a da própria satisfação de um sempre normal dever cumprido! Não fiz nada, nunca, para que alguém me pagasse ou, sequer, agradecesse!

Pago me fiquei sempre, com o testemunho da boa consciência do Dever cumprido.

Sabia, de firme certeza, no entanto, que para tudo há uma compensação, neste ou noutro mundo, em que acredito...

No entanto, e porque desde menino, aprendi a ser grato, sinto neste momento a obrigação de expressar os mais vivos sentimentos de gratidão pela lembrança, em tudo generosa da Universidade do Minho que, através de seu Conselho Cultural, por unanimidade permitiu, em honra deste modestíssimo servidor, homenagem tão munífica, como solene. Guardarei a lembrança dela, no mais ímo do meu coração e pelos anos que viva.

Agradeço ainda, e sobremaneira, que a generosidade do Excelentíssimo Conselho Cultural ao fazer esta homenagem a tenha feito de modo que eu próprio, vivo, a pudesse ver, nela participar, e por minhas próprias palavras, agradecer.

Costuma dizer-se que as homenagens devem prestar-se aos vivos. Muito obrigado, sobremaneira, à Universidade do Minho e ao seu Conselho Cultural, por poder dizer-lhes, vivo, muito obrigado.

A todos os presentes, e, destes, a todos aqueles que andaram comigo ao longo dos anos, quer nas andanças dos livros; quer nas andanças de generoso trabalho em prol dos Outros, digo que é para Vós também esta homenagem. Aceitai-a e comungai comigo desta Alegria. E, agora, e para terminar, apetecer-me-ia dizer como o Velho Simeão depois de, em visão pressentida, no Menino que tinha nas mãos, ter visto o Senhor: «Deixai partir o vosso Servo em paz!»; ficar-me-ia, no entanto, uma forte vontade ainda de viver, e ao poeta, sonhador e louco, que em minha vida sempre fui, – acrescentar, para fecho, um último anseio, que vou exprimir num poema a sério, que, por mim “pedi” a um grande poeta médico de profissão.

Chama-se *Meta*, e diz assim:

Falta-me ainda um verso.
O mais rebelde, lírico e sincero.
Um verso exacto, que não desesej
De cantar um dia.
Um verso de magia
E de verdade.

Um verso que na sua brevidade
Iluminada
Seja a eterna alvorada
Da minha humanidade.

Disse.